



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
lançamento nacional do Programa Um Computador por Aluno (Prouca)**

Caetés-PE, 23 de julho de 2010

A legislação eleitoral não permite que candidato participe de ato oficial do governo. Então, isso aqui é um ato institucional, oficial, do governo, e não pode participar nem candidato a deputado, nem candidato a senador, nem candidato a governador, nem candidato a presidente da República.

Companheiros... Queridos companheiros e companheiras, eu não sei se eu chamo de Vargem Comprida ou chamo de Caetés. Porque, quando eu saí daqui, no dia 13 de dezembro de 1952, a cidade se chamava Vargem Comprida, era subdistrito de Garanhuns. E, em 1962, quando eu saí daqui, dez anos depois, a cidade, ou melhor, Vargem Comprida virou cidade e eu só voltei aqui em 1979. Eu saí com sete anos, eu só voltei aqui 27 anos depois. Eu voltei aqui, já era Caetés.

Fiquei muito decepcionado, porque eu tinha a imagem do açude na frente da nossa casa, eu tinha uma imagem do açude que parecia o mar e, quando eu voltei, o açude era tão pequenininho que eu fiquei decepcionado. Tinha um pé de mulungu, tinha um pé de mulungu na frente da casa que a gente morava, e eu tinha a impressão de que o pé de mulungu fazia sombra para todos nós aqui. E, quando eu voltei, o pé de mulungu era bem pequenininho, eu também fiquei decepcionado. A única coisa que cresceu foi o coração do povo de Caetés, a cidade e o desenvolvimento.

Eu não vou falar, aqui, de computador, primeiro... por duas razões: já falou o ministro da Educação; depois que o ministro da Educação fala de educação, não precisa o Presidente repetir o que falou o ministro da Educação.

Eu quero dizer aos meus companheiros e companheiras aqui, de Caetés, quero dizer ao companheiro prefeito Aécio da minha profunda alegria



de voltar à minha terra natal e ver que a cidade está crescendo, ver que a cidade está se desenvolvendo, e poder entregar computador para os estudantes aqui de Caetés.

Vocês não sabem, mas computador virou uma paixão, sobretudo, entre as crianças e os adolescentes. Ou seja, não tem uma criança neste país que não queira um computador, não tem um adolescente neste país que não queira um computador.

Eu lembro que, quando nós discutimos, ainda em 2004, a criação de um programa para baratear o uso de computador e a compra de computador, a ideia nossa era criar um programa em que um companheiro pudesse entrar em uma loja e comprar um computador para pagar R\$ 50,00 por mês, R\$ 40,00 por mês, 30, 60, porque, até então, computador era coisa que só atendia à parte mais rica da população, os pobres não tinham dinheiro para comprar computador, neste país. O programa, o programa que nós criamos para baratear o computador foi uma revolução no Brasil, porque nós criamos crédito, financiávamos a loja e muita gente pobre, que só via computador pela televisão, pôde entrar em uma loja, comprar o computador e pagar R\$ 40,00 ou R\$ 50,00 por mês.

Mas ainda faltava uma coisa: o computador virou um instrumento muito importante para aumentar o aprendizado da sociedade brasileira e o aprendizado das nossas crianças. Eu confesso a vocês que durante muito tempo eu tive medo, e não é nenhuma vergonha um presidente falar que tinha medo, e vou dizer para as crianças por que eu tinha medo. Eu tinha medo porque eu ficava preocupado que cada um de vocês pegasse um computador, baixasse a cabeça no computador e ficasse só cada um no seu computador, sem conversar com o vizinho, e que a gente iria criar uma juventude que não conversava mais entre si porque todos estariam apenas olhando a telinha do seu computador.

Até que eu fui à cidade de Piraí, no Rio de Janeiro, que foi governada



pelo vice-governador do Rio de Janeiro, o companheiro Pezão, e foi a primeira cidade brasileira onde todas as crianças tiveram um computador dentro das escolas. As crianças desistiam de ir para a escola. Antes do computador, começavam o ano com 100 alunos na escola e terminava o ano com 70, porque 30% das crianças desistiam de estudar. Depois do computador, começa 100 e termina 100. As crianças, inclusive, levam para casa um computador, a crianças fazem um círculo e, entre elas, via computador, elas conversam. Eles aprendem muito mais. Eles têm informação, hoje, do que acontece no mundo inteiro, sobre qualquer matéria, coisa que a nossa geração não teve, e vai aumentar muito.

E eu queria pedir aos jornalistas de Pernambuco, sobretudo aqueles especialistas em educação, queria pedir aos secretários de Educação, que a gente medisse, que a gente medisse a qualidade da educação das crianças de Caetés até hoje e, daqui a um ano, ou um ano e meio, vocês venham aqui – mesmo eu não sendo Presidente, Prefeito, se for convidado, eu virei – para a gente ver como é que evoluiu a educação das crianças neste país.

Na verdade, nós estamos fazendo um plano piloto, ou seja, nós estamos distribuindo 150 mil computadores para 300 escolas... para 300 cidades [escolas] no Brasil. Quero dizer que, quando esse moço aqui foi me comunicar que ia entregar os computadores, ele foi citando cidade, foi citando cidade e foi citando cidade, e foi citando cidade e quando terminou de citar eu perguntei: “E Caetés? E Caetés?” Aí ele falou: “É, mas tem um monte de gente, dos secretários municipais que estão (falha no áudio) critério não sei das quantas...” Aí eu falei: “Olha, não tem problema nenhum. Se alguém perguntar para você qual é o critério em que entrou Caetés, diga que foi o ‘critério Lula’, o critério do Lula querer trazer o computador para a cidade em que eu nasci, para que essas crianças tenham mil vezes mais oportunidades do que eu tive quando eu tinha a idade deles”.

Portanto, eu falei para o nosso Ministro, e falei para o César Alvarez:



“Não adianta a gente dar computador aqui apenas para as crianças que estudam nas escolas urbanas. É preciso saber que aqueles que estão a meia hora da cidade, lá no meio do mato, trabalhando, estudando lá têm direito a um computadorzinho igualzinho a esse que essas crianças urbanas receberam. E tem jeito para fazer e vamos fazer”. Podem ficar certos, podem ficar certos de que eu não deixarei a presidência da República sem que a gente tenha entregue os computadores aqui, na zona rural de Caetés, aqui. Significa que, até dia 31 de dezembro, nós vamos ter que entregar os computadores para as crianças da área rural aqui, de Caetés.

A ideia, na verdade, a ideia, a ideia vem sendo trabalhada há alguns anos. Nós estamos trabalhando com a possibilidade de que, primeiro, a gente tenha internet banda larga em todas as escolas públicas deste país e em todas as cidades deste país. A ideia é que a gente, dentro de mais alguns anos, tenha um computador para cada criança neste país. É como um livro, é como uma caneta, ele tenha aquele material como um instrumento de aprendizado no primeiro grau, no segundo grau e no terceiro grau. As crianças vão evoluir com muito mais rapidez. É importante que as mães tomem cuidado apenas para que as crianças não queiram ficar noite e dia no computador, não queiram mais dormir e queiram ficar horas e horas e horas só viajando, só ali, me assistindo falar: “Olha aqui, falando”.

Então, eu... Nós estamos aqui nos vendo no computador, ali, olha. Então, eu queria, companheiros, dizer para vocês que eu não poderia deixar de fazer esse benefício para Caetés. Porque é uma cidade pequena, é uma cidade ainda pobre, e é uma cidade que está se desenvolvendo na medida em que Pernambuco vai se desenvolvendo.

Eu estou convencido de que o Brasil está em uma situação muito melhor do que já esteve a qualquer outro momento da nossa história. O nosso país, neste ano, vai crescer bem; a crise americana não mexeu conosco; vou terminar o meu mandato criando 14,5 milhões de empregos com carteira



profissional assinada. Já sou... Veja o que é o destino: eu sou o único presidente da República do Brasil que não tive a oportunidade de ter um diploma universitário. Nem eu nem o meu vice, o Zé Alencar. O Zé Alencar era empresário e eu fui sindicalista.

E quando eu falo isso, eu não falo para que alguma criança fale: “Ah, o Lula não estudou e chegou a Presidente, por que eu vou estudar?” Não falo isso. Eu quero que toda criança estude muito mais do que eu pude estudar, muito mais. E que todos possam ter um diploma universitário, que todos possam ter um diploma universitário, que todos possam ter um diploma técnico. Mas vejam a coincidência: embora eu seja o único presidente sem diploma universitário, eu já sou o presidente que mais fez universidades no Brasil. É até uma coisa... Obviamente que com a ajuda deste extraordinário companheiro, Fernando Haddad, ministro da Educação.

Vejam que coisa, que coisa... como serve de lição para a gente. Durante 100 anos... A primeira escola técnica brasileira foi construída em 1909, na cidade de Campos, no Rio de Janeiro, pelo presidente Epitácio Pessoa. Desde a primeira, em 1909, até 2003 – quase 93 anos –, foram construídas 140 escolas técnicas no Brasil, em 100 anos. Em oito anos, nós vamos entregar 214 escolas técnicas neste país. Ou seja, em oito anos, esse moço e a equipe dele, no meu governo, em oito anos, a gente fez uma vez e meia mais do que tudo o que foi feito em 100 anos neste país, de escolas técnicas.

Este companheiro aqui me deu a ideia do ProUni. O ProUni foi um jeito que nós inventamos, enquanto a gente não construía as universidades federais, a gente precisava colocar criança pobre, da periferia, na universidade. Então, fizemos um convênio com as universidades particulares. Algumas já não pagavam imposto, então a gente não perdeu nada, na verdade. Então, nós fizemos uma isenção de impostos e trocamos o equivalente ao imposto por uma bolsa de estudo. Hoje, já tem 706 mil jovens da periferia deste país, estudantes de escola pública, fazendo universidade pelo ProUni.



Na semana passada eu vivi um dos momentos mais extraordinários que um ser humano pode viver. Eu fui, junto com este moço e junto com o ministro da Saúde, nós fomos fazer uma reunião com os primeiros quatrocentos e poucos jovens que se formaram em Medicina pelo ProUni. Um curso de Medicina custa quase R\$ 5 mil por mês. A coisa mais difícil é uma criança de família de classe média baixa poder fazer um curso de Medicina, a não ser que ele passe no vestibular de uma universidade pública. Acontece que todo mundo, e muita gente, quer ser médico. Então, para uma vaga, às vezes aparecem duas mil, três mil, quatro mil pessoas para uma vaga. Aí, o vestibular é muito mais complicado, é muito mais concorrido, e a criança pobre não pode e tem que fazer na escola particular, e aí não pode pagar. E quando eu vi aquelas crianças da periferia deste país, que se a gente não tivesse criado o ProUni jamais entrariam na universidade, se formarem em médicos, eu disse: “Ó meu Deus, eu, agora, posso morrer, porque valeu a pena ser presidente deste país”.

Bem, na educação, nós ainda estamos trabalhando para que todas as escolas tenham um laboratório de informática. Nós queremos que cada criança neste país, cada criança, pode ser um filho ou a filha da pessoa mais pobre do mundo, essa criança tem o direito de ter um computador para estudar e de ter um laboratório de informática na sua escola.

Porque o Brasil é um grande exportador de minério de ferro; o Brasil é exportador da bauxita, que faz o alumínio; o Brasil é o maior exportador de suco de laranja do mundo; o Brasil é o maior exportador de café do mundo, o Brasil é o terceiro exportador de grãos do mundo; o Brasil é o terceiro exportador de aviões do mundo. O Brasil virou um país grande. Mas, agora, nós não precisamos exportar apenas minério de ferro, ou soja, ou alumínio. Não. Nós queremos exportar conhecimento e inteligência. Não adianta a gente vender uma tonelada de ferro, uma tonelada de minério de ferro por US\$ 100 e, depois, comprar um *chip* desse tamanho por US\$ 1.000. Não, nós queremos



é começar a produzir o *chip*, para gente poder fazer este país virar grande, virar rico, e o povo viver com dignidade neste país.

É por isso que eu quero dizer para vocês que este país nunca mais voltará a ser o mesmo. Este país, este país nunca mais, nunca mais um presidente da República terá que se humilhar diante do FMI. Nunca mais este país vai se humilhar diante de outro país porque é maior do que o nosso. Não, nós aprendemos a ter autoestima, nós aprendemos a gostar de nós mesmos e nós aprendemos no discurso daquela menina Raquel, de que basta a gente querer perseverar e lutar que não tem nada que seja impossível para um ser humano e, sobretudo, para um pernambucano e, sobretudo, um pernambucano de Caetés – pernambucano e pernambucana.

Por isso, meus queridos companheiros, eu quero, do fundo do coração... Eu ainda vou agora ter uma reunião com os prefeitos de todo o estado de Pernambuco, com o Governador – aí já não é coisa mais institucional – e depois eu vou participar, pela primeira vez, do Festival de Inverno.

Vocês estão brincando? Quando eu ganhei, quando eu ganhei as... quando a gente foi lá para Copenhague, que nós ganhamos as Olimpíadas, eu disse para os companheiros: “Se o Brasil continuar assim e Garanhuns continuar com frio, daqui a pouco a gente está reivindicando uma Olimpíada de Inverno para Garanhuns, daqui a pouco”.

Agora, esse Prefeito, se tivesse feito ontem o discurso que ele fez hoje, me indicando para técnico da Seleção Brasileira, quem sabe o Ricardo Teixeira, em vez de ter escolhido o Murici, hoje, teria me escolhido? E, em 2014, a gente não deixava ninguém levar o caneco aqui de jeito nenhum, de jeito nenhum. Nós cercávamos ali o campo... Principalmente os times que jogarem aqui em Pernambuco.

Então, gente, olha, do fundo do coração, eu quero, mais uma vez, agradecer a cada mulher, a cada homem. Quero dizer para vocês que eu fico muito orgulhoso de ver a alegria dessas crianças com esse computador, muito



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

feliz, quero agradecer às diretoras das escolas, às coordenadoras do programa. E quero, sobretudo, agradecer a vocês por, mais uma vez, me tratarem com o carinho que vocês me tratam.

Um grande abraço, um grande beijo e até outro dia, se Deus quiser. E vamos pedir para as crianças estudarem muito a partir de agora. Um abraço, gente.

(\$211A)